

Marta Nörnberg
Lissa Pachalski
Luiza Kerstner Souto
Josiane Jarline Jäger
Ana Ruth Moresco Miranda

ANIMAL QUE BAIÇA crianças FASIO ERAU MAVEIS

TATULEIA

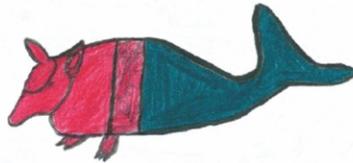
galinha

FOGIA DO GATO

CAXORINHO

CAVALO

AAA NHA



Oficinas de Produção Textual Pesquisa e Ensino nos Anos Iniciais

ADOTAR

AGRA DESIDIO

muinha

FUMAÇA

balis

NICOLAU



crande

OBRI GADO



mundo inteiro



Marta Nörnberg
Lissa Pachalski
Luiza Kerstner Souto
Josiane Jarline Jäger
Ana Ruth Moresco Miranda

Oficinas de Produção Textual Pesquisa e Ensino nos Anos Iniciais

Série Narrativas Pedagógicas
Volume III

2ª edição – E-book



2018

© Marta Nörnberg, Lissa Pachalski, Luiza Kerstner Souto, Josiane Jarline Jäger e Ana Ruth Moresco
Miranda – 2018

Organização e coordenação da publicação: Marta Nörnberg

Projeto gráfico e diagramação: Joana Luisa Krupp

Revisão de texto: Ana Ruth Moresco Miranda

Fotografias: As imagens foram produzidas em contexto de práticas de ensino e pesquisa conduzidas em salas de aula das escolas-parceiras do projeto de pesquisa Obeduc-Pacto. A produção e uso das imagens está consentido por meio de autorização dos responsáveis das crianças e da direção escolar.

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Unisinos)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luís H. Dreher (UFJF)

Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)

Marluza M. Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Uni-Bremen e Uni-Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

O314 Oficinas de produção textual: pesquisa e ensino nos anos iniciais [e-book] / Marta Nörnberg et al. São Leopoldo: Oikos, 2018.

91 p.; il.; color; 20 x 20cm. – (Série narrativas pedagógicas; v. 3)

ISBN 978-85-7843-808-1

1. Professor – Formação. 2. Professor – Prática pedagógica. 3. Alfabetização – Didática. 4. Ensino fundamental – Produção - Texto. 5. Escrita - Letramento -Produção – Texto. 6. Lúdico. I. Nörnberg, Marta. II. Pachalski, Lissa. III. Souto, Luiza Kerstner. IV. Jäger, Josiane Jarline. V. Miranda, Ana Ruth Moresco. VI. Título

CDU 371.13

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

SUMÁRIO

Apresentação	05
A coleta de textos espontâneos e as oficinas de produção textual	08
As oficinas de produção textual	14
Oficina “Os cães”: primeira versão (2013 e 2014)	16
Oficina “Os cães”: segunda versão (2015)	40
Oficina “Animais Fantásticos”: primeira versão (2014)	56
Oficina “Animais Fantásticos”: segunda versão (2015)	62
Oficineiras	85
Sobre as autoras	88
Referências e sugestões de leitura	89



APRESENTAÇÃO

A série Narrativas Pedagógicas resulta de ações de pesquisa e ensino e de estudos teórico-práticos realizados no âmbito das atividades do projeto de pesquisa “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Formação de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização”, identificado pela sigla Obeduc-Pacto. O desenvolvimento do projeto se articula em torno de dois eixos de investigação: (I) Formação, Prática Pedagógica e Desenvolvimento Profissional e (II) Aquisição da Escrita.

O projeto foi desenvolvido por pesquisadoras, professoras de educação básica e estudantes universitárias vinculadas ao Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas, e financiado pelo programa Observatório da Educação/CAPES.

As atividades de pesquisa relativas ao eixo Aquisição da Escrita envolvem a coleta de textos escritos por crianças mediante a realização de oficinas de produção de texto espontâneo (ABAURRE, 1987), que visam à obtenção de dados autênticos para a pesquisa com aquisição da escrita e da ortografia. Os textos coletados integram o Banco de Textos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE).

Neste fotolivro, Oficinas de produção textual: pesquisa e ensino nos anos iniciais, terceiro volume da série Narrativas Pedagógicas, descrevemos as oficinas de produção textual, elaboradas entre os anos de 2013 e 2015.

As oficinas aqui relatadas foram desenvolvidas em cinco escolas-parceiras do projeto Obeduc-Pacto. São elas:

- Colégio Municipal Pelotense – Pelotas/RS
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório – Pelotas/RS
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac – Pelotas/RS
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Gov. Ildo Meneghetti – Porto Alegre/RS
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Pepita de Leão – Porto Alegre/RS

Neste volume apresentamos a dinâmica das oficinas e explicitamos algumas das razões que sustentam o processo de mobilização para a escrita. As reflexões e ações estão ancoradas na produção intelectual e didática que vem sendo construída pela equipe de pesquisadores do GEALE, especialmente, ao longo do período de desenvolvimento do projeto Obeduc-Pacto/Capes.

Embora as oficinas tenham sido elaboradas visando à produção de dados de escrita para as atividades de pesquisa realizadas no âmbito do GEALE, entendemos que elas também podem ser analisadas a partir da perspectiva do ensino. Nesse sentido, é importante destacar que, na elaboração das oficinas, procuramos observar dimensões específicas dos processos de pesquisa de forma articulada às dinâmicas típicas das situações de ensino.

A ideia-força que deriva dessa articulação é a de que a formação teórica oferece pistas conceituais e metodológicas para qualificar os processos educativos e de investigação. Além disso, para ensinar e pesquisar é necessário colocar em operação domínios mentais que envolvem as capacidades de analisar e eleger concepções, mobilizar e encadear ideias, preparar e organizar recursos, observar e escutar sujeitos, avaliar e tomar decisões.

Nessa direção, as oficinas têm um desenho didático explícito. As diferentes etapas são planejadas buscando criar um ambiente propício para a escrita. As oficinas envolvem a explicitação de dimensões conceituais (temática e insumos para sua compreensão), o desenvolvimento de habilidades de raciocínio (análise, comparação, levantamento de hipóteses), a utilização de recursos didáticos específicos (imagens, vídeos, textos de apoio, jogos, objetos), a mediação das situações de ensino (formas de atuação e ajuda por parte doicineiro), a atenção às crianças em suas necessidades (ajuda, escuta, orientação).

Esperamos que as oficinas de produção textual aqui compartilhadas possam inspirar pesquisadores professores que trabalham com crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

Boa leitura!



A COLETA DE TEXTOS ESPONTÂNEOS E AS OFICINAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL

As oficinas de produção textual deste fotolivro foram elaboradas a partir de uma estrutura básica utilizada pelo Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE) a qual é constituída por três etapas-chave:

- 1) motivação ou aquecimento – oferecimento de estímulos e subsídios para que os alunos produzam o texto;
- 2) produção textual – apresentação da proposta e explicitação dos procedimentos para que ocorra a escrita propriamente dita;
- 3) socialização – as crianças compartilham as escritas desenvolvendo o gosto pela escrita de textos que podem ser apreciados por um leitor/ouvinte real.

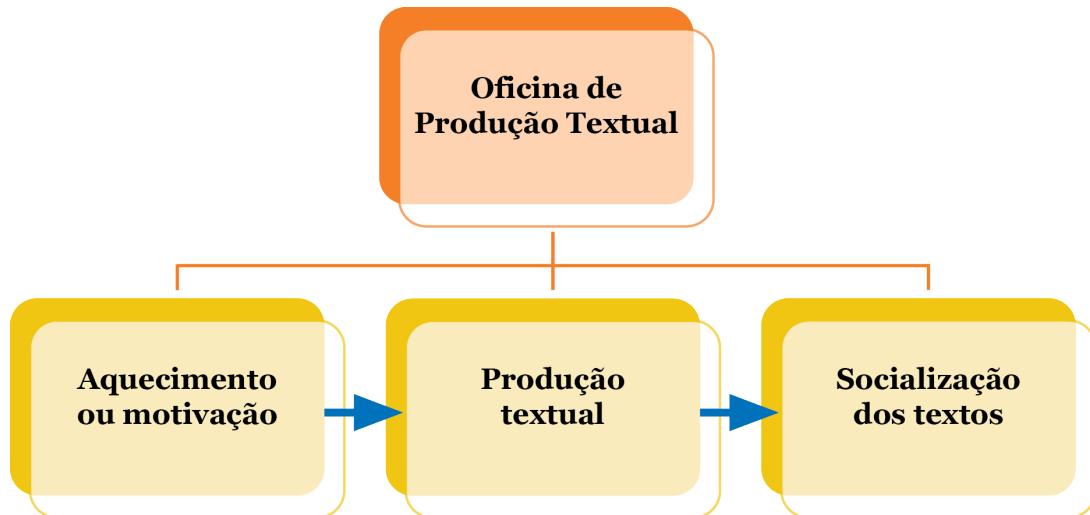


Dica de leitura:



Essa estruturação das oficinas visa à coleta de textos espontâneos cujo conteúdo deve especialmente fornecer dados autênticos para a pesquisa sobre aquisição da escrita e da ortografia. É importante destacar que a escolha por coletar textos espontâneos não é fortuita, trata-se antes de uma decisão teórico-metodológica importante tendo em vista aquilo que orienta fundamentalmente o trabalho desenvolvido no GEALE: analisar as relações entre o conhecimento linguístico infantil e as grafias iniciais, visando compreender as hipóteses das crianças sobre sua língua e acerca do sistema ortográfico.

Neste sentido, o texto espontâneo é entendido como aquele no qual a interferência externa é minimizada, particularmente a do professor, pois o foco principal incide sobre a história a ser contada, ao fato a ser descrito ou ao argumento a ser construído. Além disso, se uma criança perguntar como devem ser escritas determinadas palavras, o adulto que está presente no momento não fornecerá uma resposta explícita ou objetiva à pergunta; no máximo devolverá com outra pergunta que retorne a responsabilidade da decisão pela grafia das palavras à criança: “como tu achas que se escreve essa palavra?” ou “escreve do jeito que achas que seja correto”.



Estrutura básica das oficinas de produção textual do GEALE

Abaurre (2011, p. 176) aponta que estimular a produção de textos espontâneos cria um espaço de “solução de problemas” para os aprendizes do sistema de escrita. Na mesma direção, Ferreira (2016, p. 48), inspirada em Abaurre (op. cit.), acrescenta a essa definição a sugestão da escrita espontânea como um “espaço de experimentação” do conhecimento linguístico dos aprendizes, algo semelhante a um laboratório onde são testadas hipóteses capazes de resolver problemas e responder perguntas.

A ideia de um espaço para “solução de problemas” é interessante porque a tarefa de produzir um texto demanda um número considerável de conhecimentos bastante heterogêneos – boa parte deles de natureza linguística. A criança terá de “resolver” ou “solucionar”, por exemplo, a nível de ortografia, se escreve ‘xícara’ com ‘x’ ou com ‘ch’ ou, ainda, como deve representar a nasalidade em ‘grande’. Precisa também decidir se deve adequar a linguagem do texto a determinadas convenções extralinguísticas, a depender do gênero e do destinatário para qual o texto é produzido.

AMPLIANDO IDEIAS

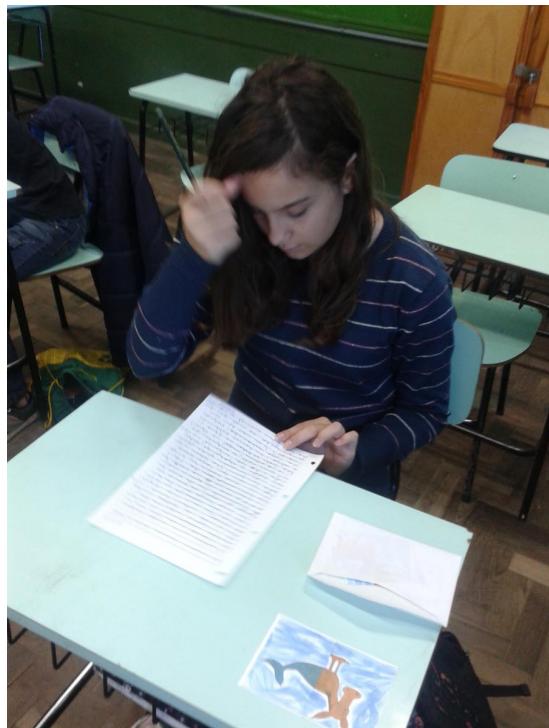
Muitos pesquisadores vêm se dedicando, há tempos, à definição do que seja um texto (escrito), quais seus componentes essenciais, quais capacidades ele exige de quem o produz e assim por diante (cf. KOCH; ELIAS, 2015). Mas, para esta discussão e para convencer-mos do quanto a produção de um texto é complexa, basta verificarmos, por exemplo, os direitos e objetivos de aprendizagem que constituem o eixo “produção de texto escrito” para os 3 anos do ciclo de alfabetização, os quais passam pelo planejamento do texto considerando contexto de produção até questões ligadas à sua estrutura formal (cf. BRASIL, 2012).

Um texto cria ao escrevente, portanto, vários “problemas” (no seu sentido científico) a serem resolvidos, os quais possibilitarão a testagem de hipóteses, tendo em vista que ainda se tratam de conhecimentos não estabilizados e em construção – e aqui está a razão pela qual é possível argumentar em favor da ideia segundo a qual a produção de textos espontâneos é, também, “espaço de experimentação”, conforme proposto por Ferreira (2016).

Aburre (2011) lembra que tradicionalmente a produção escrita escolar é marcada por certo grau de artificialidade, visto que há uma preocupação e consequente controle sobre as formas produzidas pelos alunos, o que os induz a retratarem os roteiros metodológicos admitidos e exercitados em sala de aula. Assim, a escrita dos alunos, nesses casos, muito mais reflete sua preocupação em atender e reproduzir as estruturas exigidas pela escola do que expressar o modo como eles realmente concebem o objeto de aprendizagem, que, no caso, é o texto escrito com todos os conhecimentos que ele reúne e demanda por si só.

A preocupação em coletar textos espontâneos, isto é, textos não controlados e entendidos como espaços de solução de problemas e de experimentação, não é acidental, como mencionado inicialmente. Pelo contrário, serão os textos espontâneos que fornecerão dados mais ricos e autênticos em termos daquilo que podem revelar sobre o processo de construção do conhecimento pela criança. Para os estudos do GEALE, esses dados tratam especificamente dos erros (orto)gráficos encontrados nos textos, os quais, por uma perspectiva piagetiana, são capazes

de revelar um pouco do conhecimento da criança acerca da estrutura da sua língua assim como conhecimentos que ela possui relativamente ao sistema notacional [...] além de oferecer pistas para que possamos compreender as hipóteses formuladas por elas a respeito do sistema de escrita (MIRANDA, 2010, p. 4).



Acreditamos que deste modo as questões em torno do tópico “textos espontâneos” e de seu uso no âmbito das atividades de pesquisa estão minimamente justificados, mas consideramos, ainda, que seja interessante pensar em mais um aspecto referente ao assunto. Read e Treiman (2011), a partir de Carol Chomsky (1970, 1971, 1972), entendem que a produção de escrita espontânea (*invented spelling*) – a problemática escrita inventada X escrita espontânea – pode ser, além de instrumento metodológico para coleta de dados, uma aliada da prática pedagógica, especialmente do professor de pré-escola e de anos iniciais. No entanto, já de início, é importante chamar atenção para o cuidado necessário que se deve ter quando há o desejo de adaptar, para fins didáticos, instrumentos que foram criados especificamente para fins de pesquisa, pois muitos equívocos podem advir desse tipo de prática. Para não incorrer em tais falhas, uma atitude muito prudente é diferenciar os dois âmbitos, isto é, pesquisa e ensino, avaliando quais os principais objetivos a que servem.



Quando pesquisamos partimos de uma pergunta-chave, a qual procuramos responder coletando, descrevendo e analisando dados, o que possivelmente nos permitirá diagnosticar ou mapear os fenômenos para os quais desejamos obter respostas. Por outro lado, o ensino tem outros objetivos, os quais deverão ser definidos pelo professor a partir das demandas que emergem dos próprios alunos. No ato de ensinar, buscamos auxiliar pessoas a aprender, o que, por uma perspectiva piagetiana, implica a reelaboração e complexificação constante dos esquemas mentais, a capacidade cada vez maior de abstrair. O ensino envolve o compromisso de criar condições para a modificação das estruturas de conhecimento do sujeito que aprende; a pesquisa na área, por seu turno, implica ampliar conhecimentos acerca da forma como o sujeito aprende.

Dizer isso, no entanto, não significa apartar o ensino da pesquisa. É desejável sim que o professor aja como um pesquisador simultaneamente à sua tarefa de ensinar, pois pode ter mais controle sobre a aprendizagem de seu aluno à medida que domina o objeto de conhecimento bem como ancora sua prática em uma teoria sobre o modo como seu aluno aprende. Tendo isso em vista, encontramos um terreno mais seguro para pensar sobre a possibilidade de produção dos textos espontâneos em sala de aula.

AS OFICINAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL

As oficinas de produção textual foram elaboradas para a coleta de textos espontâneos, entre os anos de 2013 a 2015. Na tabela ao lado estão sintetizadas algumas informações a respeito de sua elaboração para que você, leitor, possa melhor se situar e se apropriar do material.

Para a definição da temática e elaboração do roteiro da oficina, a participação de vários estudantes de graduação e pós-graduação foi fundamental. Ideias distintas, construídas em diferentes campos do conhecimento, foram importantes para tornar as oficinas criativas e interdisciplinares.

Fazemos aqui um registro especial à participação de todos, estudantes e professores, por meio do registro de seus nomes:

→ Oficina “Os Cães – primeira versão” (2013): Carmen Regina Gonçalves Ferreira; Glediane Saldanha Goetzke da Rosa; Igor Daniel Martins Pereira; Rosiani Teresinha Soares Machado.

→ Oficina “Animais fantásticos – primeira versão” (2014): Helena Beatriz Mascarenhas; Isabel de Freitas Vieira Coimbra; Jaqueline Costa Rodrigues; Lissa Pachalski.

→ Oficina “Os Cães – segunda versão” (2015): Igor Daniel Martins Pereira; Isabel de Freitas Vieira Coimbra; Jaqueline Costa Rodrigues; Lissa Pachalski.

→ Oficina “Animais fantásticos – segunda versão” (2015): Igor Daniel Martins Pereira; Isabel de Freitas Vieira Coimbra; Jaqueline Costa Rodrigues; Lissa Pachalski.

ANO DA COLETA	OFICINA	TIPO DE TEXTO COLETADO	ESCOLAS	ANO ESCOLAR	Nº DE TEXTOS COLETADOS
2013	“Os cães” - O menor cão do mundo	Narrativo	Colégio Municipal Pelotense	1º ao 5º ano	781
	“Os cães” - O maior cão do mundo	Descritivo			
	“Os cães” - Fumaça	Argumentativo			
2014	Animais Fantásticos	Expositivo	EMEF Ministro Fernando Osório; EMEF Olavo Bilac; Colégio Municipal Pelotense	1º ao 5º ano	732
	“Os cães” - O menor cão do mundo	Narrativo	EMEF Governador Ildo Meneghetti; EMEF Pepita de Leão	1º, 2º e 3º anos	1494
	“Os cães” - O maior cão do mundo	Descritivo			
	“Os cães” - Fumaça	Argumentativo			
2015	“Os cães” - Vantagens e desvantagens de adotar/cuidar de um cão	Expositivo	EMEF Ministro Fernando Osório; EMEF Olavo Bilac; Colégio Municipal Pelotense	1º ao 5º ano	252
	Animais Fantásticos - Cientista	Expositivo	EMEF Governador Ildo Meneghetti; EMEF Pepita de Leão	1º, 2º e 3º anos	230

Visão geral das oficinas e coletas de produção textual

OFICINA “OS CÃES” PRIMEIRA VERSÃO (2013 E 2014)

Parte 1 - O menor cão do mundo

A primeira oficina relativa à temática “Os cães” tinha como objetivo produzir um texto narrativo baseado na reportagem intitulada “O menor cão do mundo”.

Aquecimento

Começamos com uma conversa informal com as crianças sobre animais de estimação. Perguntamos se gostavam de animais, quem possuía, quantos eram etc., direcionando o assunto para esse campo semântico.

Nessa primeira parte, consideramos fundamental realizar os procedimentos de antecipação da leitura. Para isso, anunciamos uma reportagem sobre um pequeno cachorro. Dissemos para a turma o título da reportagem (“O menor cão do mundo”) e perguntamos às crianças a respeito do que ela poderia tratar. O importante era criar um ambiente de expectativa, despertando o interesse pelo que seria lido.

Convidamos as crianças para ouvir a leitura do texto. Lemos em voz alta a reportagem “O menor cão do mundo”, explorando os fatos que a integravam.

AMPLIANDO IDEIAS

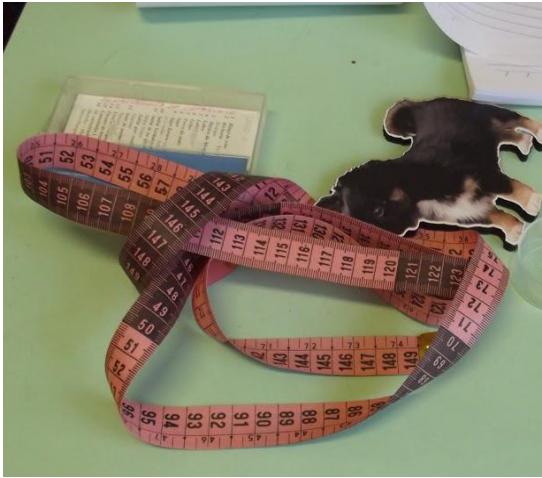
Segundo Coscarelli (2015), a antecipação da leitura costuma tornar a leitura mais eficiente. A partir da antecipação, o leitor pode fazer previsões sobre a estrutura fonológica da palavra, sobre aspectos morfológicos, sobre a estrutura sintática da frase ou de partes dela e, especialmente, sobre vários aspectos semânticos envolvidos na construção do sentido do texto. Além disso, ativar previamente informações que podem ser úteis é uma estratégia adotada pelo cérebro para otimizar seus recursos, evitando sobrecarregar a memória e os mecanismos de processamento de informação. O que você pensa a respeito disso? Em que momentos você acha que a antecipação da leitura pode ocorrer no contexto de sala de aula?

O MENOR CÃO DO MUNDO

O MENOR CACHORRO QUE JÁ EXISTIU NO MUNDO ERA DO TAMANHO DE UMA FITA CASSETE. QUANDO FICOU ADULTO, ELE MEDIA SEIS CENTÍMETROS DE ALTURA E DEZ CENTÍMETROS DE COMPRIMENTO. ERA DA RAÇA TERRIER. EM VEZ DE CAÇAR GATOS, FUGIA DELES. PENSAVAM QUE ERA UM CAMUNDONGO.

(FOLHA DE SÃO PAULO, Caderno Folhinha, 2/3/91)

Chamamos a atenção para o dado do texto sobre o tamanho do cão, com o objetivo de sondar se as crianças possuíam a percepção do que seriam 10cm. Com o auxílio de régua e fita métrica, correlacionando com a palavra “fita cassete”, presente no texto, mostramos a figura do cão reproduzida em seu tamanho real (10cm), comparando-o com a fita cassete.



Aproximamos a reprodução da imagem do cão colocando-a sobre as mãos dos alunos para que tivessem uma ideia mais clara sobre o tamanho do animal. A fim de realizarmos uma comparação, mostramos a figura de um gato (tamanho médio) ao lado da figura do menor cão do mundo.

AMPLIANDO IDEIAS

É interessante notar como esta oficina integra aspectos de diferentes áreas do conhecimento, os quais, com a devida adaptação e organização das professoras, podem também ser amplamente explorados para abordar outros eixos de aprendizagem. Por exemplo, na oficina sobre os cães, além da produção textual, foi proposto que as crianças utilizassem uma fita métrica para medir o tamanho dos cães, estabelecendo relações de comparação: menor que, maior que, igual a... Estes conceitos fazem parte dos direitos de aprendizagem do ciclo de alfabetização na área de Matemática. Outro aspecto explorado na sequência da oficina dos cães foram as características específicas de algumas raças de cachorros, como: hábitat, alimentação, número de patas, reprodução, etc., os quais também integram os direitos de aprendizagem do ciclo de alfabetização na área das Ciências Naturais. Desta forma, a partir de uma temática é possível planejar e organizar atividades, sequências e projetos didáticos que contemplem eixos e direitos de aprendizagens de diversas áreas do conhecimento.

O que você pensa sobre isso? Que outros conceitos você observa nas diferentes oficinas apresentadas neste fotolivro que poderiam ser melhor retomados com seus alunos? Como você poderia explorar mais e melhor esses outros conceitos e conteúdos em sala de aula a partir das oficinas de produção textual? Uma boa sugestão de leitura sobre esse assunto é o caderno do PNAIC “Planejando a alfabetização e dialogando com diferentes áreas do conhecimento” (Ano 2, Unidade 6, BRASIL, 2012).



Proposta de produção textual

Com base no final da reportagem, solicitamos aos alunos que produzissem um texto contando como um cachorro tão pequeno faria para escapar da perseguição de um gato.

Apresentamos ideias incentivadoras para sua produção como: o cãozinho fazendo amizade com um rato para, juntos, se livrarem do gato. Ainda sugerimos que o cão, devido ao seu tamanho, não soubesse que era um cachorro e achasse, na verdade, que era um rato, fazendo uma analogia com a história do filme “A Era do Gelo 2”, em que um mamute pensa ser um gambá.



Um aspecto importante neste momento era prestar atenção nas crianças que, por algum motivo, não queriam escrever. A orientação no caso de alguma delas apresentar algum tipo de recusa era deixá-la livre e, em momento posterior, tentar incentivá-la novamente a produzir o texto.

AMPLIANDO IDEIAS...

Com isso, já é possível observar que o trabalho com produção de textos espontâneos demanda uma atividade ininterrupta daquele que está mediando a oficina, seja pesquisador ou professor, especialmente nos anos iniciais do ciclo de alfabetização. O trabalho do mediador não encerra após a exploração e explicação inicial da oficina, de modo que ele possa “descansar” enquanto as crianças escrevem. Ao contrário, o desafio maior, para as crianças (e talvez para o próprio mediador), está no ato de articular as ideias e escrevê-las no papel. É neste momento que elas muitas vezes apresentam suas resistências, dizendo que não sabem ou não querem escrever, que não têm ideias ou mesmo que não entenderam a proposta da oficina. Este é o ponto em que o mediador deve passar de mesa em mesa para que, de forma individual, atenda às dúvidas, retome os elementos explorados inicialmente e incentive, instigue e auxilie as crianças na resolução de seus conflitos, jamais respondendo às inquietações de forma direta, mas sempre de forma que os faça pensar e, assim possivelmente, aprender.

No caso de alguma criança argumentar que não conseguia escrever, o que ocorria com frequência especialmente nas turmas de 1º ano, a orientação era dizer que ela deveria fazer como achava que poderia ser escrito, começando com palavras conhecidas, ou que poderia usar, também, o desenho.

Tais resistências à escrita dos textos eram anotadas nos diários de campo de quem estava realizando as oficinas, por serem consideradas dados importantes. Deveríamos ficar atentas e anotar quando uma criança recebia a informação de outra; quando, sem querer, compartilhavam formas de escrever determinada palavra.

A proposta era de escrita individual, mas a ideia era que não impuséssemos uma forma de silêncio que “desfertilizasse” o prazer em escrever.



Oficineira auxiliando crianças em sua escrita



Oficineira auxiliando as crianças no momento de escrita individual



Monitora fazendo anotações em seu diário de campo durante a produção escrita

Encerramento

Recolhemos os textos e perguntamos se alguém desejava contar sobre o que escreveu para o restante da turma, socializando suas ideias. O processo era repetido por outras crianças que também se sentiam à vontade em apresentar suas histórias. A leitura das histórias escritas pelas crianças foi vista como uma forma de incentivo ao processo de escrita criativa que acabaram de exercer. Nesse momento, anotamos quais crianças realizaram a leitura e o nome de suas respectivas histórias, com a finalidade de utilizá-las para estabelecer uma conexão com o tema trabalhado na realização da próxima oficina.





Texto de aluno de 1º ano, escrito a partir da oficina “Os cães” (primeira versão; parte 1)

Sugestão de leitura:

“Era uma vez um cachorrinho que fugia do gato. Ele ia para a toca dos ratinhos. Ele era bem medroso que ele ia para a toca dos ratos”.

O pequenino

Era uma vez um cachorrinho bem pequeno o nome dele era Nino o seu amigo que é um cachorro bem maior que ele ajuda ele a fugir dos gatos que acham que ele é um rato mas quando ele tá com seu amigo Pedro os gatos correram. Um dia o Pedro viajou então Nino teve que encarar os gatos aí veio um gato daí ele correu para uma casa de cachorro e tinha um cachorro dentro aí ele pediu ajuda e botou os gatos para correr e fim.

Texto de aluno de 3º ano, escrito a partir da oficina “Os cães” (versão 1; parte 1)

Sugestão de leitura:

“O pequenino. Era uma vez um cachorrinho bem pequeno o nome dele era Nino. O seu amigo que é um cachorro bem maior que ele ajuda ele a fugir dos gatos que acham que ele é um rato mas quando ele tá com seu amigo Pedro os gatos correram. Um dia o Pedro viajou, então Nino teve que encarar os gatos aí outro gato veio daí ele correu para uma casa de cachorro e tinha um cachorro dentro aí ele pediu ajuda e botou os gatos para correr e fim”.

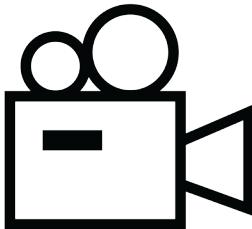
Parte 2 - O maior cão do mundo

A segunda oficina do tema “Cães” teve como objetivo a produção de um texto descritivo baseado em uma reportagem sobre o maior cão do mundo.

Aquecimento

O aquecimento consistiu na retomada da oficina anterior por meio de uma conversa com a turma e com a reprodução de um vídeo sobre o menor cão do mundo, lembrando as histórias socializadas, para que percebessem as características reais desse tipo de cão.

Depois, indagamos sobre a possibilidade de existir o maior cão do mundo, se acreditavam nisso, que tamanho teria e como imaginariam que fosse. Convidamos as crianças para assistir outro vídeo, agora sobre o maior cão do mundo, para que pudessem visualizar as diferenças, traçando um contraponto entre os cães. Perguntamos aos alunos a respeito do tamanho que eles imaginavam que teria o maior cão. Após ouvir sobre suas hipóteses, dissemos que ele media 1 metro e 10 centímetros e exploramos essa medida com o uso de fita métrica. Por fim, mostramos o cão por meio da reprodução em foto, em tamanho real, e convidamos as crianças para se colocarem ao seu lado, fazendo um comparativo entre seu tamanho e o do cão, utilizando, ainda, outras partes do corpo como mãos e braços.



Disponível em:

Menor cão:

<https://www.youtube.com/watch?v=LYFMfmKSNpI>

Maior cão:

<https://www.youtube.com/watch?v=rgkg1sYBXBo>



Crianças medindo o tamanho do cão

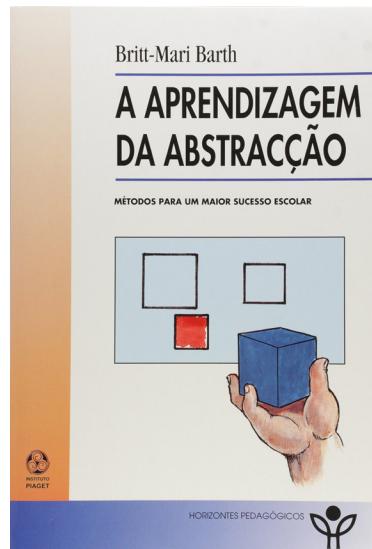
Após a realização das medidas e comparações de tamanhos, solicitamos que as crianças sentassem em seus lugares para que pudessem ver fotos de outros cães grandes. Mostramos, com recurso de slides, três figuras de cães grandes, pedindo que lhes atribuísssem nomes e indagando sobre seu comprimento e perguntando se eles seriam maiores ou menores que o cão que viram anteriormente.

APROFUNDANDO IDEIAS

O momento de comparar e medir o tamanho dos cães é um dos pontos altos da oficina, tanto desta parte, quanto da anterior, sobre o menor cão. Ele gera bastante movimentação e aparente “bagunça” na sala de aula, mas é muito importante garanti-lo, visto que é o espaço no qual as crianças efetivamente participam da oficina, se envolvem com a temática proposta e conseguem compreender melhor conceitos que antes poderiam estar gerando dúvidas, tendo em vista o grau de abstração que exigem. O que você pensa sobre isso? Como você pensa que as crianças desenvolvem capacidade de abstração? Como você acha que isso pode ser trabalhado de acordo com o nível de desenvolvimento de cada criança?



Dica de leitura:



Proposta de produção textual

Após mostrarmos as fotos, solicitamos às crianças que imaginassem que um dos cães apresentados nas imagens fosse seu. Assim, deveriam escrever uma carta para um amigo descrevendo o seu cão, não apenas fisicamente, mas atribuindo a ele características de comportamento, conforme atividade proposta no Caderno do Pró-Letramento (BRASIL, 2007, p. 41).

Incentivamos as crianças a escreverem em detalhes como era o seu cão para que seu amigo pudesse imaginá-lo o mais próximo possível do seu aspecto real. Outro aspecto importante foi estimular construções comparativas como: ‘maior que minha bicicleta’ e ‘menor que minha cama’.

SAIBA MAIS!

O Pró-Letramento foi um programa de formação continuada voltado a professores da rede pública para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura, escrita e matemática nos anos/séries iniciais do ensino fundamental. Foi realizado pelo Ministério da Educação, em parceria com universidades que integram a Rede Nacional de Formação Continuada e com adesão dos estados e municípios, direcionado a todos os professores das séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas. O programa ainda contou com materiais de estudo referentes à formação, os quais podem ser acessados gratuitamente no site: <http://portal.mec.gov.br/formacao/pro-letramento>.
Fonte: <<http://portal.mec.gov.br/pro-letramento>>.

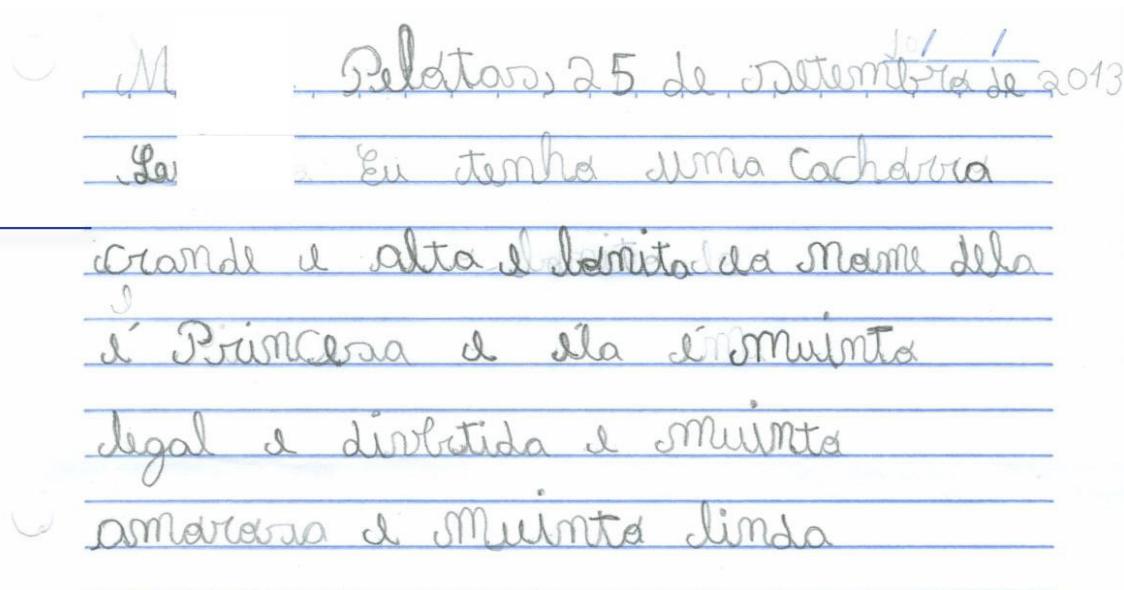


Olá amiga eu ganhei um cachorro, e ele é bem grande, ele é do tamanho da minha mesa. Ele gosta de pegar sapatos para morder, ele gosta de brincar de bolinha. Um dia eu fui passear com ele e todo mundo se assustava com ele. E ele come bastante 4 vezes ao dia. Ah, já ia me esquecendo! O nome dele é Ted, e a raça é São Bernardo.

Texto de aluno de 5º ano, escrito a partir da oficina “Os cães” (versão 1; parte 2)

Sugestão de leitura:

“Olá amiga, eu ganhei um cachorro, e ele é bem grande, ele é do tamanho da minha mesa. Ele gosta de pegar sapatos para morder, ele gosta de brincar de bolinha. Um dia eu fui passear com ele e todo mundo se assustava com ele. E ele come bastante 4 vezes ao dia. Ah, já ia me esquecendo! O nome dele é Ted, e a raça é São Bernardo”.



Texto de aluno de 2º ano, escrito a partir da oficina “Os cães” (primeira versão; parte 2)

Sugestão de leitura:

“Pelotas, 25 de setembro de 2013. L... Eu tenho uma cachorra grande e alta e bonita e o nome dela é princesa e ela é muito legal e divertida e muito amorosa e muito linda”.

Encerramento

Ao terminarem suas cartas, solicitamos que colocassem suas escritas em envelopes que deveriam ser subscritos. Recolhemos as produções e, conforme feito nas outras oficinas, perguntamos se alguém desejava contar o que escreveu na sua carta para o restante da turma, socializando sua produção. O processo poderia ser repetido por outras crianças que também se sentissem à vontade em apresentar suas histórias.

Parte 3 - Fumaça

A terceira parte da oficina “Os cães” teve como objetivo que as crianças produzissem um texto argumentativo baseado em uma reportagem sobre cães que são abandonados e ficam em abrigos à espera de adoção.



A apresentação da história do cão Fumaça em *banner*

Aquecimento

O aquecimento consistiu na retomada das oficinas anteriores e na conversa informal sobre as diferentes raças de cães existentes e sobre os de raça indefinida, ou seja, vira-latas, a respeito dos quais foram apresentadas fotos, com auxílio de slides. Nas conversas, procuramos incentivar as crianças a elaborarem hipóteses que pudessem explicar o motivo pelos quais alguns cães são abandonados, especialmente os vira-latas.

Depois disso, foi apresentada uma notícia divulgada por uma ONG que colocou um cão para adoção, sendo a leitura do texto antecedida pelos procedimentos de antecipação de leitura.

Notícia sobre o Fumaça

“Fumaça vivia nas ruas e acabou sendo atropelado. Foi resgatado para ser levado ao veterinário e houve a necessidade de amputar uma de suas patinhas dianteiras. Ele é muito dócil e obediente, não entra em casa e espera sentadinho para comer. Um amor de cãozinho, mas já sofreu demais, agora precisa de um lar onde receba cuidados e amor. Interessados em ajudar este fofo podem entrar em contato com sua “madrinha” Joana pelo e-mail: **sos@sosanimaispelotas.org.br**”.

Fonte: texto adaptado do blog SOS animais Pelotas

<<http://sosanimaispelotasrs.blogspot.com.br/2013/06/fumaca-adocao-especial.html>>.



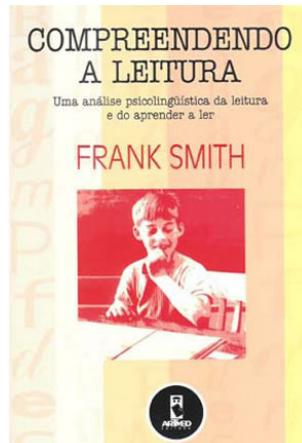
Proposta de produção textual

Após a leitura do texto, exploramos as informações sobre o cão Fumaça para que as crianças pensassem sobre a necessidade de ajudar esse cão por meio da adoção, instigando-as a construir argumentos que justificassem tal atitude.

Depois de explorada a necessidade de adoção do cão Fumaça, proporcionamos um debate a partir de uma situação-problema, instigando os alunos a se posicionarem a favor ou contra a adoção de Fumaça, a fim de que registrassem os argumentos em seus textos.

“Vamos imaginar que vocês possuem um amigo que se chama Nicolau e ele pede ajuda para escrever uma carta aos pais, pedindo a adoção de Fumaça. Ele não tem coragem de pedir pessoalmente, portanto, pensou que vocês poderiam ajudá-lo. Agora vocês têm a tarefa de ajudar Nicolau a convencer seus pais. Seu sonho é ter um cão como companheiro, e o do Fumaça, um lar. Vamos ajudá-lo? Como vamos convencê-los?”

Dica de leitura:



Logo em seguida, lembramos os alunos sobre aspectos difíceis envolvendo a adoção de Fumaça que deveriam ser levados em consideração, principalmente no que se refere às condições físicas do cão, por exemplo: a mãe de Nicolau poderia ter medo de que ele contraísse doenças; seu pai poderia odiar pelos em suas roupas; não haveria disponibilidade de um adulto, durante o dia, para ajudar a cuidar do cachorro que não tem uma pata etc. Isso poderia significar que talvez seria melhor Nicolau desistir da adoção, já que seus pais têm razão em não querer adotar. Instigamos as crianças a pensar sobre isso perguntando:

“O que vocês acham? Nicolau está certo ou seus pais têm razão?
Devem ou não adotar o Fumaça? Por quê?”.

Neste momento, era importante desafiar as crianças a emitirem opiniões criando argumentos contra ou a favor da adoção de Fumaça e, após, estimulá-las a registrarem em seus textos os argumentos que pensaram.



MÃE E PAI DO NICOLAU DEIXEM O NICOLAU
 ADOPTAR O FUMAÇA O CÃOZINHO O NICOLAU
 VAI AJUDAR VOCÊS E VOCÊS VÃO ATÉ QUE
 AJUDAR O NICOLAU ELE VAI SE COMPORTAR
 NÃO VAI TOMAR BILHETE NO CADERNO
 DA ESCOLA E VAI SE COMPORTAR MUITO,
 MUITO, MUITO, MUITO, MUITO, MUITO BEM ENTÃO
 DEIXEM O NICOLAU ADOPTAR O CÃOZINHO
 FUMAÇA.

Texto de aluno de 2º ano, escrito a partir da oficina “Os cães” (versão 1; parte 2)

Sugestão de leitura:

“Mãe e pai do Nicolau, deixem o Nicolau adotar o Fumaça, o cãozinho. O Nicolau vai ajudar vocês e vocês vão até que ajudar o Nicolau. Ele vai se comportar, não vai tomar bilhete no caderno da escola e vai se comportar muito, muito, muito! Bem, então deixem o Nicolau adotar o cãozinho Fumaça”.

Encerramento

No momento final da oficina, recolhemos as produções e perguntamos se alguém desejava contar sobre sua escrita para o restante da turma, socializando sua produção.

Belotas, 30 de setembro de 2013,

Mãe do Nicolau adote Juliana
 para o Nicolau pode se divertir
 e ele é tão bonito use você
 dar vacina para ele, ele não
 vai transmitir doenças para seu
 filho, use dar lombo ele não
 vai sujar nada e quando ele
 for subir no sofá coloque
 um plástico e faça um
 cachorrinho feliz.



Sugestão de leitura:

“Mãe do Nicolau, adote Fumaça para o Nicolau poder se divertir e ele é tão bonito se você dar vacina para ele, ele não vai transmitir doenças para seu filho, se dar banho ele não vai sujar nada e quando ele for subir no sofá coloque um plástico e faça um cachorrinho feliz”.

RESUMINDO

Oficina “Os Cães” (2013)

Parte 1

- Tipo de texto: narrativo.
- Gênero textual: narrativa.
- Materiais utilizados: texto sobre o menor cão do mundo, folhas pautadas, fita cassete, imagem impressa do menor cão do mundo em tamanho real, foto de um gato, fita métrica.

Parte 2

- Tipo de texto: descritivo.
- Gênero textual: carta.
- Materiais utilizados: folhas pautadas, datashow, caixa de som, vídeo do menor cão do mundo, imagem impressa do maior cão do mundo em tamanho real, envelopes coloridos.

Parte 3

- Tipo de texto: argumentativo.
- Gênero textual: carta.
- Materiais utilizados: texto sobre o cão Fumaça, folhas pautadas, datashow, caixa de som.

OFICINA “OS CÃES” SEGUNDA VERSÃO (2015)

Vantagens e desvantagens de adotar/cuidar de um cão

O objetivo desta oficina consistia em que as crianças produzissem um texto expositivo, articulando elementos de descrição e argumentação a respeito das vantagens e desvantagens de adotar e cuidar de um cão.

Aquecimento

O aquecimento consistiu em conversar informalmente com as crianças sobre animais de estimação. Perguntamos se elas gostavam de animais, quem possuía, quais eram, quantos tinham etc., direcionando para o assunto sobre cães. A partir disso, convidamos as crianças para um jogo de imaginação:

“Vamos imaginar que estamos visitando uma casa, uma ONG, que é uma entidade que cuida de animais. Essa casa/ONG se chama SOS Animais. Ela irá fechar por um longo tempo porque precisa fazer uma grande reforma em seu prédio e nos canis onde vivem os cães. A maior parte dos cães já foi adotada. Restam apenas 3, que são muito diferentes e possuem algumas características bem especiais. A ONG informou que, para adotar um desses 3 animais, os interessados devem encaminhar uma carta por escrito, que será analisada pelos diretores da ONG”.

Depois disso, perguntamos se as crianças gostariam de conhecer os três cães que ainda não haviam sido adotados.

AMPLIANDO IDEIAS

Você notou que cada parte da oficina “Os cães” objetivava a produção de diferentes tipos de texto (narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo)? Na tradição escolar, especialmente nos anos iniciais, o tipo de texto mais abordado quando se trabalha com produção textual costuma ser o narrativo, possivelmente pelo fato de as crianças terem mais familiaridade com suas características constitutivas, pois é uma tipologia típica da oralidade, presente naturalmente no cotidiano humano (toda vez que contamos uma situação ocorrida conosco para alguém, por exemplo, utilizaremos recursos narrativos). Outros tipos textuais, como o argumentativo ou expositivo, não são tão naturais assim, sendo exigidos em contextos mais específicos da experiência social que fogem à vivência familiar e cotidiana. É claro que se considerarmos o texto narrativo com um olhar mais técnico, existem vários elementos os quais precisamos aprender para ampliar nossa capacidade de uso, tanto na modalidade oral quanto na escrita. Entretanto, entendemos que isso não justifica o fato de nos atermos apenas ao trabalho com texto de tipo narrativo no ciclo de alfabetização, pois, se partirmos do princípio de que devemos “alfabetizar letrando” (SOARES, 1998), procuraremos oportunizar às crianças o contato com diferentes tipos e gêneros textuais que caracterizam os também distintos aspectos da realidade social, para que participem destes com autonomia e destreza. O que você acha disso? Concorda ou discorda? Por quê? Como você acha que os diferentes gêneros e tipos textuais podem ser articulados e trabalhados em sala de aula?

Primeiro cão:

Lemos o título da reportagem, “O menor cão do mundo”, e perguntamos acerca do que achavam que poderia tratar a reportagem, tal como realizado na parte 1 da oficina “Os cães”.

“Nós trouxemos para vocês uma reportagem que conta um pouco sobre como é um dos cães que está na ONG SOS Animais. Um jornalista já escreveu um texto sobre um cão que era bem igual a esse que está na ONG...”

Exploramos o dado do texto que apresenta a informação sobre o tamanho do cão, sondando se as crianças possuíam a percepção do que seriam 10cm. Após, com o auxílio da fita métrica e correlacionando com a palavra fita cassete, mostramos o que seriam 10cm, seguindo, também, com a leitura da ficha das características de um cão de porte pequeno.



O menor cão do mundo - Yorkshire

Ficha das características do cão porte pequeno – Yorkshire

Peso: O peso dos cães desta raça varia entre 2 e 4 quilos, quando adultos.

Altura: Do menor do mundo, cerca de 7cm, mas pode variar, entre 20 e 25cm, quando adulto.

Quanto come: Quando adulto, de 100g a 300g, mas depende do tamanho do animal.

Tempo médio de vida: 12 a 15 anos.

Força: Possui alta resistência na coluna e, considerando seu tamanho, sua força não é pequena.

Raça: Yorkshire Terrier.

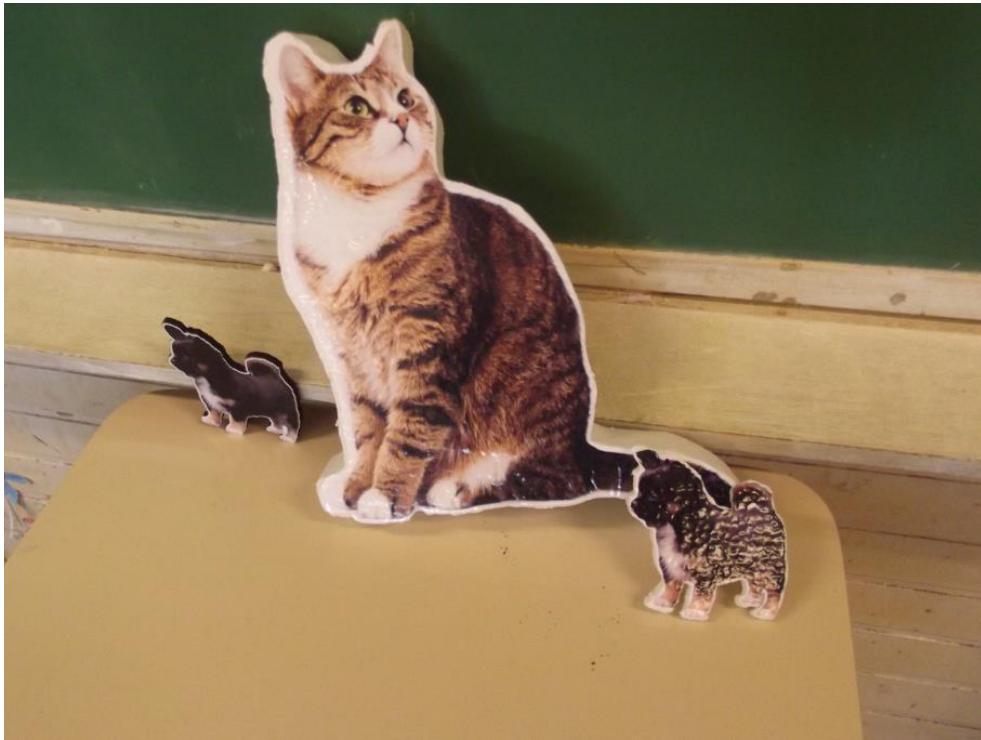
Média de filhotes por ninhada: 2 a 3, mas podem existir ninhadas com 4. Tudo dependerá do tamanho da fêmea.

Características gerais do animal:

- Alta energia, é muito brincalhão e teimoso.
- Não precisa de muito exercício.
- O grau de apego ao dono é médio.
- Tipo de relacionamento com outros cães: é tímido, mas se em contato desde pequeno, constrói uma relação tranquila, inclusive com gatos.
- O relacionamento com estranhos é amigável.
- É fácil de treinar.
- Cuidados com pelo: é alto porque em função da quantidade de pelo podem surgir doenças bacterianas ou fúngicas. A probabilidade de desenvolver tais doenças aumenta se o cão permanecer por muito tempo molhado, ou em função de estresse, especialmente por ter que ficar sozinho por longos períodos.
- Os yorkshire não são animais adequados para crianças muito pequenas porque elas são extremamente ativas e apertam, amassam, seguram forte, puxam o pelo, fazem barulhos. E por causa disso, o yorkshire pode ficar extremamente estressado, tornando-se agressivo.
- Baixa tolerância ao frio.
- Média tolerância ao calor.

Após explorarmos as características do cão pequeno, mostramos uma figura em tamanho real do menor cão. Comparamos o tamanho do cão com o tamanho da fita cassete. Colocamos a imagem do cão sobre as mãos dos alunos para que tivessem uma ideia mais clara sobre o tamanho do animal.

Depois, colocamos a figura de um gato (tamanho médio) ao lado da figura do menor cão do mundo, para que as crianças comparassem os tamanhos.



Gato apresentado para as crianças ao lado do menor cão

Segundo cão:

Na sequência, lemos a ficha com informações e características do cão de porte médio.

Ficha das características do cão de porte médio – Australian Cattle Dog

Peso: Entre 15 e 20 kg.

Altura: De 45cm a 55cm.

Quanto come: Entre 400g e 500g.

Tempo médio de vida: 15 a 20 anos.

Força: Muito forte e resistente.

Raça: Australian Cattle Dog.

Média de filhotes por ninhada:

Média de 6 filhotes.

Características gerais do animal:

País de origem: Austrália.

Nome original: Australian Cattle Dog.

Utilização: Cão de pastoreio.

Porte: Médio.

Necessidade de exercício diário: Alta.

Temperamento: Inteligente, obediente, corajoso.

Adestralidade: Muito alta.

Qualidades principais: Inteligente, ativo, brincalhão e carinhoso.

Necessidades: Estímulos físicos e mentais constantes.

Curiosidades: É uma das 10 raças mais inteligentes.



Depois de lidas as características, perguntamos às crianças se elas pensavam que esse cão seria maior ou menor que o anterior, se comia mais ou menos, se era mais veloz ou mais lento, leve ou pesado, a fim de chamar atenção para as características apresentadas. Após as perguntas, mostramos a imagem com tamanho real do cão médio e, com base nas características lidas, propomos que fizessem comparações com o menor cão e tirassem conclusões sobre as hipóteses:

“Quantos cãezinhos teriam que ser empilhados para ter o tamanho desse cão? Quanta comida a mais esse cão come? Que tamanho deveria ter a sua cama? Qual deles seria mais rápido? Qual ocuparia/precisaria de mais espaço na sua casa e no pátio? Qual daria mais trabalho para ser cuidado? Quanto tempo teria que ficar passeando com ele e quantas vezes? Daria para brincar com ele? E de quê?”.



Cão médio em comparação com o cão pequeno, à esquerda

Terceiro cão:

Por fim, lemos a ficha de características de um cão de porte grande.

Ficha das características do maior cão do mundo – Dogue Alemão

Peso: 54 a 72 kg.

Altura: O macho pode chegar a ter altura média de 80cm. Já a fêmea pode chegar a uma altura média de 70cm. O maior cão do mundo tem aproximadamente 1,12m de altura.

Quanto come: 1 kg de ração por dia.

Tempo médio de vida: 6 a 8 anos.

Força: Muito alta e é aconselhável fazer adestramento.

Raça: Dogue Alemão.

Média de filhotes por ninhada: 8 filhotes em média.

**Características gerais do animal:**

País de origem: Alemanha.

Nome original: Doutsche Gogge.

Utilização: Escolta, guarda, companhia.

Porte: Gigante.

Necessidade de exercício diário: Alta.

Temperamento: Afetuoso, corajoso, autoconfiante.

Adestralidade: Média/alta.

Apego ao dono: Média/alta.

Amizade com outros animais: Média.

Tolerância ao calor: Média.

Tolerância ao frio: Média.

Depois, tal como feito com o segundo cão, pedimos para que dissessem qual era o tamanho do cão, mostrando com as mãos, comparando com a altura deles, das professoras, de um armário, de uma mesa, etc. Ouvimos as hipóteses das crianças. Depois, exploramos seu tamanho com o uso de fita métrica e comparamos com o tamanho de algumas crianças. Mostramos o maior cão do mundo e convidamos as crianças a se colocarem ao lado da figura do cão, fazendo um comparativo de seus tamanhos com o do cão, utilizando, ainda, outras partes do corpo como mãos e braços. A seguir, convidamos as crianças para que falassem sobre as diferenças entre os 3 cães, traçando um contraponto entre eles, comparando suas características.



Conversa sobre os três cães apresentados

“Vocês lembram que esses 3 cães são os últimos a serem adotados? Quais seriam as vantagens e desvantagens de adotar e cuidar de cada um desses cães? Quanto de comida se gastaria por semana com cada cão? Qual seria o tamanho da casa onde cada um deveria dormir? Quanta sujeira cada um deles faria? Em sua casa teria lugar e condições para cuidar desses cães? Que cuidados especiais cada um deles precisaria receber?”

É significativo salientar que todos esses aspectos constitutivos do momento de aquecimento (leituras das fichas, perguntas, diálogos com as crianças, comparações) são muito importantes para que as crianças construam um repertório de elementos que as auxiliem na escrita dos textos. Com as fichas e a exploração das características, nossa intenção é oferecer insumos especialmente para a composição do aspecto descritivo do texto expositivo.



Proposta de produção textual

A proposta de produção textual consistiu na escrita de uma carta à ONG, na qual as crianças deveriam apresentar argumentos que justificassem sua habilitação para adotar um dos cães.

Para tanto, deixamos os 3 cães visíveis para que as crianças pudessem visualizá-los enquanto cada uma delas escolhia um dos cães para ser adotado. Ao escolher o cão médio, por exemplo, a criança deveria escrever em sua carta à ONG o motivo pelo qual escolheu este cão.

Nesse momento, dissemos às crianças que elas precisavam colocar na carta parte das informações que discutiram durante a oficina, por exemplo:

- se o cão iria morar no pátio ou dentro de um apartamento;
- o tamanho da casinha de cachorro que iriam comprar ou fazer;
- a quantidade de ração que comprariam;
- se o cão ficaria com alguém em casa enquanto estariam na escola;
- com que frequência dariam banho;
- se fariam controle das vacinas;
- quantas vezes por semana fariam passeios com o cão;
- quem limparia os dejetos do animal;
- com que frequência iriam brincar com o cão;
- que nome escolheriam e por quê.

Depois disso, as crianças deveriam explicar na mesma carta à ONG o motivo pelo qual não podiam adotar os outros dois cães. Aqui incentivamos as crianças a explicarem quais seriam os transtornos ou as dificuldades que os impediam de levar os outros dois cães para sua casa.

Nesse momento, era importante estimular as crianças para que desenvolvessem um texto robusto e bem pensado, pois elas teriam que argumentar porque fizeram a escolha por um dos cães e o que as impediu de não adotar os demais. Ainda as incentivamos a indicar à ONG possíveis soluções ou pessoas que elas conheciam as quais poderiam adotar os cães que sobriariam. Ao final, também sugerimos que as crianças poderiam tentar expressar na carta o que significava ter a chance de adotar um cão e o que sentiam ao poder ajudar através da adoção.

É bom lembrar que, numa classe ou em qualquer oficina, o trabalho do professor como mediador, incentivando e resolvendo dúvidas individualmente, é fundamental.



Bem se eu escolhere um cão eu escolherei o maior Dog alemão porque ele é o maior cão e por isso eu escolherei ele.

Como cuidaria dele

para comer teria que dar bastante água e comida adequada para a raça dele

Onde ele moraria

tenho dois cachorros no patio do meu casa e meu nome é a Bet Vailer e tem mais uma Box em tão ele tem bastante amigos tem um patio no meu casa que é um pégo onde os cachorros ficam mas no momento não pensava adotar

Quem iria dar banho e limpar as necessidades

eu e minha mãe ou meu pai
 Quem iria limpar as necessidades meu pai
 eu não sei adotar as outras por que eu não me entenderia.

Sugestão de leitura:

“Bom, se eu escolhesse um cão, escolheria o maior, Dog Alemão, porque ele é o mais fofo e por isso eu escolheria ele. Como cuidaria dele: para comer teria que dar bastante água e comida adequada para a raça dele. Onde ele moraria: tenho dois cachorros no pátio da minha casa. O meu mesmo é a Rottweiler e tem mais uma Boxer. Então ele teria bastante amigos. Tem uma parte na minha casa que é uma peça onde os cachorros ficam, mas no momento não posso adotar. Quem ia dar banho e limpar as necessidades: eu e minha mãe ou meu pai. Quem ia limpar as necessidades: meu pai. Eu não vou adotar as outras porque eu não me interessei.”



Crianças comparando o tamanho dos cães

EU GOSTO DO CACHORO PIQUENO
PORQUE É MAIS FASIO DA RAÇÃO



Texto de aluno de 1º ano, escrito a partir da oficina “Os cães” (segunda versão)

Sugestão de leitura:

“Eu gosto do cachorro pequeno porque é mais fácil dar ração”.

Encerramento

Após concluírem, colocamos suas cartas num envelope. Perguntamos se alguém queria contar o que escreveu, socializando seus argumentos para o grande grupo.

RESUMINDO Oficina “Os Cães” (2015)

- Tipo de texto: expositivo.
- Gênero textual: carta.
- Materiais utilizados: texto sobre o menor cão do mundo; folhas com linhas; envelope para as cartas; fita cassete; imagem impressa do menor, do médio e do maior cão do mundo (adesivos em placas de MDF), em tamanho real; foto de um gato; fita métrica; e adesivo do cãozinho para as crianças.



OFICINA “ANIMAIS FANTÁSTICOS”

PRIMEIRA VERSÃO (2014)

Aquecimento

Iniciamos a oficina mostrando às crianças fotos de seres mitológicos (leão com asas, águia com corpo de leão e centauro), com a finalidade prepará-las para o tema. Pedimos às crianças que dissessem se os conheciam e se sabiam as suas histórias. Ouvimos e fizemos perguntas do tipo:

“Como esses animais são? O que será que eles fazem? O que será que eles comem? Onde será que eles vivem? Será que eles já existiram? Se não existiram, teria sido legal se tivessem existido? Por quê?”.



“Grifos”, ser mitológico apresentado às crianças

Depois, apresentamos um livro com folhas partidas em dois pedaços e, conforme foi sendo folheado, mostramos animais a partir da combinação de duas metades.

Pedimos que as crianças descrevessem o animal que surgia a partir das duas metades escolhidas: qual o nome, o que gosta de comer, qual sua habilidade principal, qual seu 'poder', onde vive, que par escolheria para se acasalar...



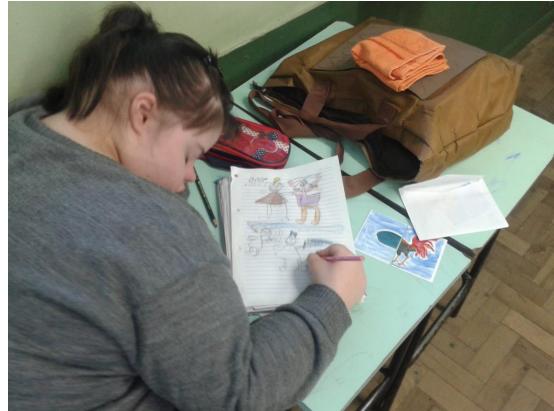
Livro “Animais Fantásticos” - Desenhos de Isabel Ramil (2002)

Proposta de produção textual

Após a discussão sobre os animais combinados a partir das metades do livro, dissemos que não sabíamos se os seres mitológicos realmente existiram, mas o fato é que alguém os criou, ao menos em sua imaginação.

A seguir, as crianças receberam as mesmas imagens utilizadas pelas mediadoras, porém em tamanho menor.

Convidamos as crianças a criarem outros animais, tal como esses criadores, a partir das combinações que o livro oferecia. Pedimos que as crianças primeiro escolhessem uma combinação e depois escrevessem uma carta para alguém que elas imaginassem ser capaz de criar animais.

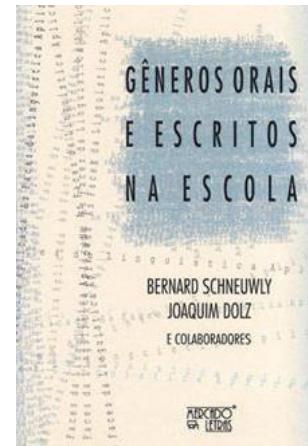
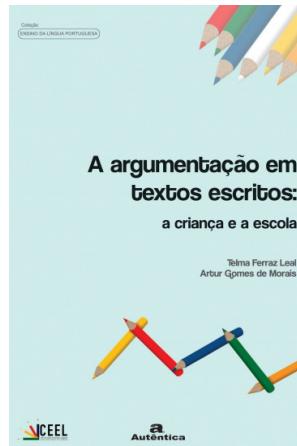
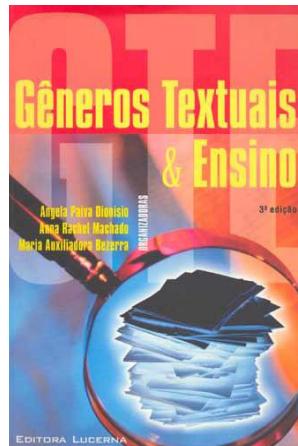


As instruções para a elaboração da carta foram as seguintes: as crianças deveriam descrever as características do seu animal, ou seja, o que ele come, onde ele vive, o que ele faz, com quem ele se acasala e outras coisas que elas poderiam desejar. Lembramos que, como estavam pedindo um favor, deveriam convencer o “criador”, para quem estavam escrevendo, dos motivos pelos quais esse animal deveria ser criado e deveria existir.

Um aspecto interessante de salientar é o fato de notarmos ser esta proposta de produção textual uma daquelas que gerou mais resistência por parte das crianças no ato da escrita. Observamos de modo geral que o envolvimento das crianças no momento de aquecimento foi tão ativo quanto na oficina “Os cães”. No entanto, apresentaram mais dificuldade para escrever.

Uma hipótese que pensamos poderia advir do tipo de texto que estávamos propondo que as crianças escrevessem (expositivo), bastante incomum no ambiente escolar, especialmente no ciclo de alfabetização. Isso conecta-se àquilo que já foi mencionado sobre a importância do trabalho com diferentes tipos textuais na escola.

Dica de leitura:



Sugestão de leitura:

“Querida Manu, eu conheci um animal chamada Galeia. Ele come frutos do mar. Ele tem cabeça de galinha e corpo de baleia. Ele é muito legal. Ele é o animal marinho mais rápido do mundo inteiro e ele canta. Ele é grande amigo, adora pessoa principalmente crianças. Ele vive na água e pode ficar 24h fora da água. Eu queria que você cuidasse dele porque você adora animais. Eu acho que você vai gostar bastante dele. Ele pode medir até um metro. Ele tem 5 anos de vida. Ele também tem um bico de galinha na parte da galinha. Ele tem pelos e na parte da baleia tem pele de baleia.”

RESUMINDO**Oficina “Animais Fantásticos” (2014)**

- Tipo de texto: expositivo.
- Gênero textual: carta.
- Materiais utilizados: folhas pautadas, lápis, borrachas, imagens impressas dos seres mitológicos, livro com as figuras dos animais fantásticos, figuras em tamanho menor dos animais fantásticos, envelope para as cartas.

OFICINA “ANIMAIS FANTÁSTICOS” SEGUNDA VERSÃO (2015)

A segunda versão da oficina “Animais Fantásticos” visava também à produção de um texto expositivo, porém alguns detalhes foram modificados e acrescidos nas seções de aquecimento e proposta de produção textual, buscando ativar conhecimentos prévios e fornecer mais insumos para o momento da escrita.

Esse processo de reelaboração ocorreu em virtude de se constatar, a partir de coletas realizadas anteriormente, que a elaboração de um texto expositivo demandava um raciocínio mais complexo por parte dos alunos, o que dificultou a produção do texto.

Aquecimento

O aquecimento foi baseado na exploração dos conhecimentos prévios das crianças em relação a animais. Iniciamos uma conversa perguntando sobre nomes de animais que conhecem, os que gostariam de ter, os que gostam, os que não gostam, os que não vivem próximos de nós, como são, o que eles fazem, se nós humanos podemos ficar com eles, se eles representam algo em nossas vidas, se são importantes para nossa vida etc.

A partir desse momento, a conversa foi direcionada para os seres mitológicos, indagando as crianças se elas já tinham ouvido falar sobre estes seres. Após ouvi-los brevemente, explicamos um pouco sobre a mitologia grega e sobre o que os seres mitológicos representavam, mostrando imagens ampliadas de alguns deles: Centauro (touro e homem), Sátira (bode e homem), Sereia (peixe e mulher) e Quimera (leão e cabra).

A seguir, perguntamos se eles gostariam de ouvir a história de um ser mitológico. Apresentamos, então, a imagem ampliada de Pégaso (cavalo alado), enquanto fazíamos algumas perguntas:

- Como é?
- O que será que ele faz?
- O que será que ele come?
- Onde será que ele vive?
- Será que ele já existiu? Se não, seria legal que ele existisse? Por quê?
- Qual força ou poder ele possui?

Após esta exploração prévia, foi lido o texto “A história de Pégaso”.



A história de Pégaso

Uma das figuras mais emblemáticas da mitologia grega é Pégaso, o cavalo alado. A sua lenda envolve um número enorme de outros seres mitológicos, como Poseidon, Medusa, Perseu, Belerofonte, Quimera, Atena e o próprio Zeus. Portanto, o mito de Pégaso era de extrema importância para a cultura grega.



Segundo a lenda, Poseidon (Netuno para os romanos), deus do mar, era apaixonado por Medusa, um monstro com cabelos de serpente e que tinha o poder de transformar as pessoas em pedras. No entanto, Poseidon nunca tinha conseguido tocá-la. Quando o herói Perseu derrotou Medusa cortando-lhe a cabeça, uma gota do sangue dela caiu em contato com a água, provocando um enorme estrondo. Surgiu, então, uma espuma branca sobre a água e um belo cavalo de pelagem branca e com asas emergiu. Foi assim que nasceu Pégaso, filho de Poseidon e Medusa.

Após seu nascimento, Pégaso bateu com seus cascos no chão do monte Hélicon, fazendo brotar nesse local a fonte de Hipocrene, que se tornou famosa como um símbolo de inspiração para a poesia. Quem bebesse das águas sagradas da fonte, viraria um poeta. A partir disso, muitos homens tentaram capturar o cavalo para domesticá-lo, mas ninguém conseguiu.

Algum tempo depois, o monstro Quimera – um monstro com cabeça e corpo de leão, com duas cabeças anexas, uma de cabra e outra de serpente – estava devastando a região de Corinto, atacando rebanhos com os fogos que lançava por suas narinas. O herói Belerofonte decidiu então lutar contra Quimera, mas jamais conseguiria vencê-lo sozinho. A deusa Atena resolveu ajudá-lo, entregando uma rédea de ouro para que domasse Pégaso. Com o auxílio do cavalo alado, Belerofonte poderia derrotar Quimera. Assim, Belerofonte e Pégaso conseguiram matar o monstro e salvaram a região de Corinto.

Após esse feito, algumas pessoas passaram a acreditar que o herói era divino. Deixando-se dominar pelo orgulho e pela vaidade, Belerofonte achou que seria capaz de voar com Pégaso até o Olimpo, a morada dos deuses, para juntar-se a eles. No entanto, Zeus ficou zangado com essa atitude e mandou uma abelha picar o cavalo enquanto este voava até o Olimpo. Ao ser atacado, Pégaso descuidou-se e deixou Belerofonte cair no chão. Atena decidiu ajudar Belerofonte mais uma vez e fez com que a terra ficasse mole para que o herói não morresse ao colidir com o chão.

Zeus permitiu que Pégaso continuasse a subir cada vez mais alto até alcançar as estrelas e transformar-se na constelação de Pegasus. Depois desse episódio, Belerofonte passou o resto de sua vida como um mendigo, procurando por seu cavalo alado, mas sem nunca conseguir encontrá-lo, pois este estava vivendo entre as estrelas.

Fonte: http://mitosdagreciaantiga.blogspot.com.br/2012/07/historia-de-pegaso_13.html

Depois, apresentamos o livro dos animais fantásticos, o qual contém as folhas partidas em dois pedaços com imagens de animais, onde é possível compor um animal inteiro ou um animal a partir de duas metades diferentes.



Imagem do livro “Animais Fantásticos”

Primeiro, é claro, mostramos cada animal na sua forma comum (galo, baleia, tatu e burro). À medida que líamos a ficha de características de cada animal, conversávamos sobre como esses animais faziam parte da vida das crianças, como eles auxiliavam ou o que eles representavam para os humanos, chamando a atenção para o fato de que em algumas culturas humanas cada animal possuía representações diferentes.

Ficha das características Galo/Galinha

Nome científico: *Gallus gallus domesticus*.

Reino: *Animalia*.

Classe: Aves.

Peso de uma galinha: 1,5 kg (caipira) a 2,2 kg (aviário).

Peso de um galo adulto: 2 kg (caipira) a 2,8 kg (aviário).

Produção de ovos por ano: 90 (caipira) a 260 (aviário).

Tempo de formação dos filhotes nos ovos: 21 dias.

Dieta: As galinhas e os galos são onívoros. Geralmente comem milho e outros cereais. Esgravatam/ciscam o chão à procura de alimento e comem minhocas ou insetos que possam encontrar. As galinhas ganham a capacidade de pôr ovos muito cedo, a partir de seus 120 dias de vida. Quando completam dois anos de idade, a quantidade de ovos diminui até parar.

Por que o galo canta de manhã? O galo canta bem alto para avisar ao galinheiro que continua vivo e no comando. O canto tem a função de intimidar eventuais desafiantes. Essa é a forma do galo controlar seu território. Um galinheiro pode ter somente um galo dominante porque se tiver dois, apenas um sobreviverá à luta pela liderança.



Representações do galo para as culturas humanas

Horóscopo chinês: Os nascidos sob este signo tendem a ser organizados e preferem planejar suas atividades. São inteligentes e geralmente bem instruídos. Exibem um grande sentido de humor. São oradores persuasivos. Amam a discussão e o debate e exibem pouca hesitação em falar sobre o que pensam. O galo é geralmente muito digno nas suas maneiras e apresenta-se com um ar de autoridade.

Cultura grega: O galo é sinônimo de mensagem. Muitas guerras tiveram seu rumo estabelecido pelo voar, cantar e agir de uma ave, que alguém devidamente credenciado, segundo a cultura da época, interpretava.

Ficha das características Baleia Jubarte

Nome científico: *Megaptera novaeangliae* – significa grandes asas.

Grupo Mysticetos: baleias verdadeiras.

Reino: *Animalia*.

Classe: Mamíferos.

Tempo de gestação: 11 ou 12 meses.

Peso e tamanho: O filhote costuma medir 4 metros e pesar 1,5 toneladas. Um adulto pode medir até 16 metros e pesar 40 toneladas, o que equivale ao tamanho de um ônibus e um carro, juntos, e ao peso de oito elefantes.

Tempo de vida: aproximadamente 60 anos.

Alimentação: O leite das baleias possui um alto teor de gordura, cerca de 40%, o que fornece a energia necessária para o crescimento do filhote. Quando adulta, alimenta-se de krill, um camarão minúsculo, que vive especialmente nas regiões polares. A Baleia Jubarte, quando está na costa brasileira, não se alimenta.



Baleia Azul

Nome científico: *Balaenoptera musculus*.

Grupo Mysticetos: baleias verdadeiras.

Reino: *Animalia*.

Classe: Mamíferos.

Tempo de gestação: 9 a 16 meses.

Peso e tamanho: Os filhotes medem 7 m e pesam entre 6 e 7 toneladas. O tamanho médio de uma baleia azul adulta é entre 22 e 26 m, pesando entre 100 e 120 toneladas.

Tempo de vida: aproximadamente 90 anos.

Alimentação: Os adultos alimentam-se essencialmente de crustáceos como o krill. Ingerem diariamente 4 toneladas destes pequenos crustáceos.

Força e velocidade: A sua velocidade de cruzeiro é de 4 nós (7,5 km/h) a 6 nós (11 km/h). Quando caçada, é capaz de atingir 15 nós (28 km/h). Pode alcançar velocidades máximas de 20 nós (37 km/h).

Representações das baleias para as culturas humanas

Cultura Maori, Nova Zelândia: A baleia é um símbolo de reverência ao mar e seu deus, Tangaroa. A baleia representa uma enorme quantidade de alimentos, por isso, a baleia é símbolo de fartura. É uma mãe exímia, que cuida de seu filhote com muita atenção e age com agressividade quando algo se aproxima. Na cultura Maori, a baleia também é retratada como a “Mãe Protetora”.

Cultura cristã: O símbolo da baleia está fortemente ligado à história bíblica de Jonas, que foi engolido pela baleia enviada por Deus. Jonas foi regurgitado após três dias. Assim, a baleia é símbolo da morte e ressurreição (Cristo passou três dias em morte antes de ressuscitar).

Cultura Inuits, Groenlândia e Canadá: Os povos indígenas que habitam a região do Ártico possuem forte ligação com as baleias. Na cultura Inuits, a alma da baleia se transforma em uma bela moça jovem que vive dentro da barriga da baleia, onde ela, ocasionalmente, entretém os caçadores.

Ecologia: Atualmente os ecologistas fizeram das baleias o seu emblema, tornando-as símbolo da luta para proteger a natureza. A baleia também é símbolo de sabedoria, de intuição. Representa o poder autêntico, a integridade e a boa vontade.

Ficha das características Tatu – Tatus

Nome científico: *Cingulata*.

Reino: *Animalia*.

Espécies: As mais conhecidas são o tatu-peba, o tatu-galinha, o tatu-canastra, o tatu-bola da caatinga.

Classe: Mamíferos.

Tempo de gestação: De três a quatro meses. As fêmeas geram um ou, menos frequentemente, dois filhotes por ninhada, que nascem completamente formados.

Peso e tamanho: Os tatus, dependendo da espécie, podem pesar de 2,5 a 6 quilos, em média. O comprimento médio dos tatus adultos é de 40 a 70 cm e a sua cauda pode medir de 30 a 50 cm. O tatu canastra pode chegar a 1,5 m e pesar cerca de 50 kg. O seu antepassado pré-histórico era muito maior. Chegava a ter o tamanho de um filhote de elefante!

Tempo de vida: Entre 8 e 12 anos, em média.

Alimentação: Insetos. Na Universidade da Região da Campanha - URCAMP, em Alegrete, no Rio Grande do Sul, uma pesquisa foi feita sobre a dieta dos tatus e mostrou que um tatu-mulita, com 2,5 quilogramas de peso é capaz de consumir 8.855 invertebrados/insetos em uma única noite.

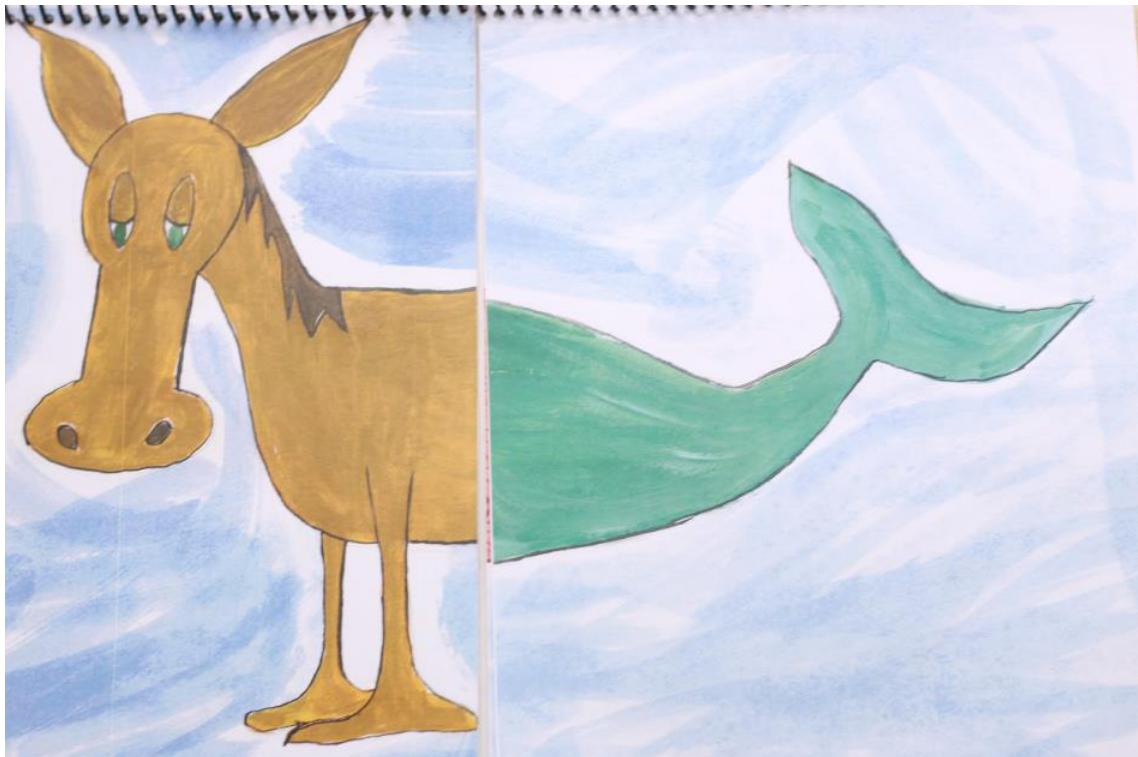
Moradia: Os tatus cavam buracos no solo, usando suas unhas, que são fortes e afiadas. Um ou mais tatus habitam uma mesma toca.



Representações dos tatus para as culturas humanas

Os maiores inimigos dos tatus são os homens, que gostam muito de comer a sua carne. A perda e a fragmentação do seu hábitat, além da caça, são as principais ameaças à sobrevivência das espécies. No passado, as populações de tatus foram dizimadas, principalmente devido à caça.

Copa do Mundo 2014: Com a intenção de chamar a atenção da população e dos governantes para a necessidade de conservar a espécie e a caatinga, a organização não governamental Associação da Caatinga lançou, em 2011, a campanha para que o TATU se tornasse mascote da Copa do Mundo de 2014. A campanha atingiu o seu objetivo e o tatu-bola foi eleito como mascote em 2012, ganhando o nome de Fuleco, que significa a junção das palavras futebol e ecologia.



Ficha das características Burro

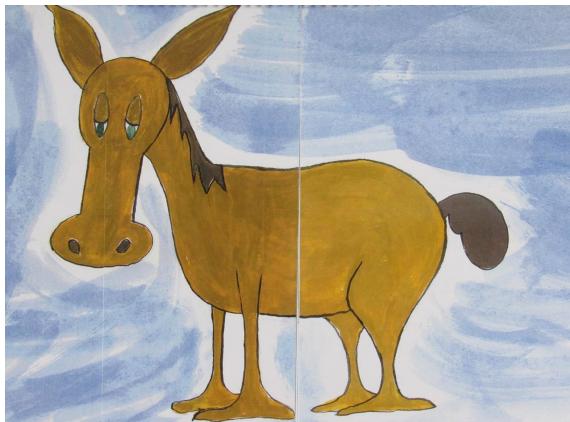
Nome científico: *Equus africanus asinus*.

Reino: *Animalia*.

Classe: Mamíferos.

Espécie: *Equus asinus x Equus caballus*.

Burro é o nome dado ao filhote macho decorrente do cruzamento entre o jumento, também chamado de asno ou jegue (*Equus asinus*), com a égua ou cavalo fêmea (*Equus caballus*). Quando se trata de uma fêmea resultante desse cruzamento, falamos em mula.



Tempo de gestação: 11 meses, a fêmea gera um filhote por gestação.

Tamanho e peso: Tamanho do adulto 1,30m e 400 quilos, em média.

Tempo de vida: De 20 a 30 anos.

Alimentação: Capim, folhas e ervas em geral.

Características físicas dos burros e mulas: São fortes, muito resistentes, dóceis e com grande capacidade de equilíbrio. Atravessam com agilidade trilhas estreitas, sinuosas, pedregosas e íngremes. Possuem a audição bem apurada e grande sensibilidade em seus cascos. O olfato e o paladar são mais rudes, permitindo com que sejam bem menos seletivos quanto à alimentação.

Representações do burro para as culturas humanas

Xamanismo (religiosidade dos povos siberianos da Ásia): O burro é símbolo de sabedoria e humildade, de teimosia; representa a habilidade para tomar decisões e para saber dizer não, ignorando opiniões de outros.

Medicina: Símbolo da resistência, da obstinação e da determinação.

Literatura: O antigo convívio com a espécie humana traz um grande número de referências culturais na literatura e no folclore popular. As Fábulas de Esopo usam a figura do burrinho para representar os humildes. Foi por muito tempo o símbolo da ignorância, como em “Sonhos de Uma Noite de Verão”, de Shakespeare. Pinóquio é outro exemplo de fábula onde um menino mau é transformado num burrico.

Cristianismo: Especialmente na iconografia cristã (imagens bíblicas), o burro aparece representando a fuga para o Egito, após o nascimento de Jesus; e, também, no Domingo de Ramos, quando Jesus entra em Jerusalém, montado em um asno, e é aclamado como rei.



Após explorarmos as características e o tipo de representação de cada um dos animais, ainda usando o livro, exibimos pares diferentes de figuras a fim de “montar” animais que não existem. Por exemplo: metade burro e metade baleia; metade galo e metade tatu; metade baleia e metade galo. Conforme combinamos as metades, perguntamos às crianças:

- Qual poderia ser o nome desse animal?
- O que será que ele poderia comer?
- Qual sua principal habilidade?
- Onde ele poderia viver?
- Que par escolheria para se acasalar?
- Ele poderia ser um animal de estimação?
- Que espaço seria necessário para que esse animal vivesse?
- Como ele poderia ajudar os humanos?
- O que ele representaria para os humanos? Qual seria sua habilidade especial?
- Qual seria o seu poder?



PENSE NISSO

Você notou que todos os momentos de aquecimento são permeados por diálogos com as crianças, nos quais as mediadoras estão sempre fazendo perguntas a elas? Essa postura não é mero acaso, pelo contrário, é bastante intencional, tendo em vista como acreditamos que se dê o processo de aprendizagem, isto é, como um processo no qual a criança é ativa e não passiva.

Você concorda com isso? Você acha que enxergar a criança como ativa no processo de construção do conhecimento é relevante para a prática pedagógica? Isso pode mudar a postura de uma professora em sala de aula? Como?

**Dica de leitura:**

a L. S. VIGOTSKI
formação
social da
mente

martins fontes
são martin

Philippe Meirieu
O Cotidiano
da Escola e
da Sala de Aula
o fazer e o compreender



Proposta de produção textual

A partir do momento anterior, realizamos um jogo imaginativo com as crianças. Contamos a elas a respeito de um cientista chamado Christian Campbell, capaz de criar animais como os do livro. Esse cientista estaria realizando um concurso que consistia no seguinte: pessoas de diferentes lugares do mundo poderiam escolher uma combinação de animais, conforme apresentadas no livro, para ele criar. Para isso, deveriam escrever uma carta endereçada ao cientista falando sobre qual a combinação desejada e os motivos pelos quais esse animal deveria existir. A carta mais convincente e bem escrita iria ganhar o concurso, fazendo com que o cientista, então, criasse o animal descrito na carta.

O propósito desse “jogo de imaginação” era motivar as crianças a participar do concurso (fictício, é claro), escrevendo uma carta a esse cientista. Enfatizamos às crianças que elas deveriam escolher uma combinação de animais conforme apresentamos no livro, dar um nome ao novo animal e explicar sua escolha, especialmente tentando formular argumentos sobre o porquê esse animal deveria ser criado. À medida que argumentavam, também deveriam descrever as características que gostariam que esse novo animal tivesse (além das fisiológicas, já aparentes nas figuras do livro), como habilidades especiais, em que lugar iria viver, do que iria se alimentar, etc.

Para auxiliar no processo de escolha, foi entregue para cada criança um envelope com um conjunto de figuras dos animais fantásticos, a fim de que elas próprias experimentassem diferentes combinações de animais e a partir disso escolhessem aquela de que mais gostassem.



Eu quero que existe uma baleia tatu, que é uma baleia misturada com um tatu, mas as cores dos animais são diferentes. É verde escuro a cor da baleia, e do tatu é meio alaranjado com vermelho. E eu gostei muito desse tipo. Parece ser muito engraçado esse tipo. E eu gostaria que esse animal baleia tatu morasse em ilhas. Mas se ele existisse eu queria que ele morasse em ilhas, e eu achei muito bacana esse animal. E esse é o meu plano que eu queria e é isso. E eles podem escovar os dentes. Porque é muito importante isso e é isso e eu desejo um feliz natal para todos que deus abençoe vocês.

Derrisado pela atenção!

Meigas

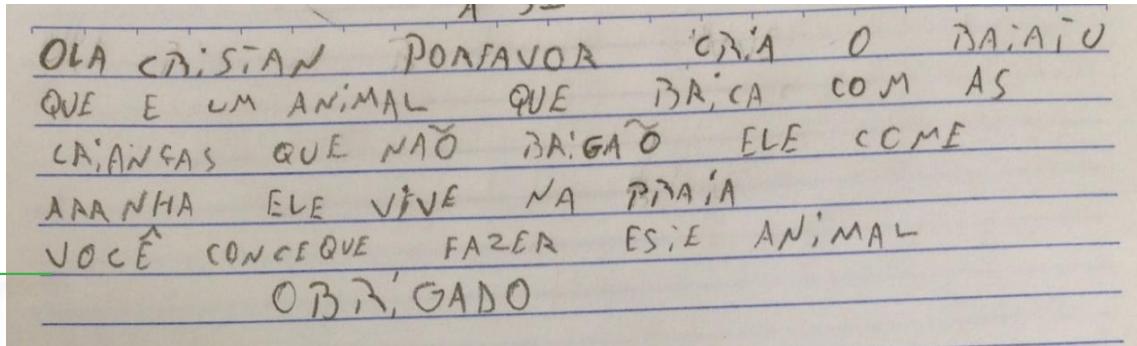
ass: [redacted]

Tchau

que deus abençoe
sempre!

Sugestão de leitura:

“Eu quero que exista um Baletatu, que é uma baleia misturada com um tatu. Mas as cores dos animais são diferentes. É verde escuro a cor da baleia e do tatu é meio alaranjado com vermelho. E eu gostei muito desse tipo. Parece ser muito engraçado esse tipo. E eu gostaria que esse animal Balatatu morasse em Elopes. Mas se ele existisse eu queria que ele morasse em Elopes e eu achei muito bacana esse animal. E esse é o meu plano que eu queria e é isso. E eles podem escovar os dentes, porque é muito importante isso e é isso e eu desejo um feliz natal para todos, que Deus abençoe vocês. Obrigado pela atenção! Beijos, tchau, que Deus abençoe sempre! Ass: ...”.



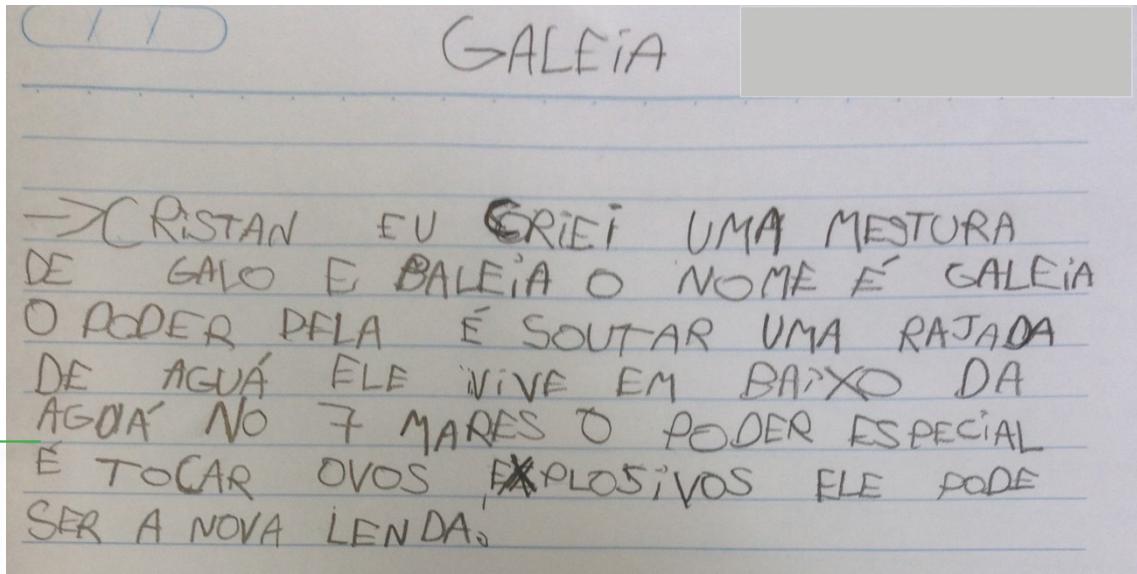
Texto de aluno de 3º ano, escrito a partir da oficina “Animais Fantásticos” (segunda versão)

Sugestão de leitura:

“Olá Cristian. Por favor cria o Batatu, que é um animal que brinca com as crianças, que não briga. Ele come aranha. Ele vive na praia. Você consegue fazer este animal? Obrigado.”



Texto de aluno de 1º ano, escrito a partir da oficina “Animais Fantásticos” (segunda versão)



Texto de aluno de 3º ano, escrito a partir da oficina “Animais Fantásticos” (segunda versão)

Sugestão de leitura:

“Cristan, eu criei uma mistura de galo e baleia. O nome é Galeia. O poder dela é soltar uma rajada de água. Ele vive embaixo da água nos 7 mares. O poder especial é tocar ovos explosivos. Ele pode ser a nova lenda.”

Sugestão de leitura:

Cavalo

Galo

Baleia

Tatu

Encerramento

Como de costume, ao final da oficina, em caso de restar tempo, oportunizamos às crianças um espaço para leitura em voz alta de seus textos, de modo a socializar a produção com a turma.

PENSE NISSO

Você observou que em todas as oficinas o encerramento consistiu na socialização das produções textuais escritas pelas crianças?

Você acha que isso é importante? Por quê?

Como você acha que poderia aproveitar melhor esse momento, explorando mais aspectos com as crianças?

Algumas sugestões de leitura podem ajudá-lo(a) a refletir sobre isso! Confira a lista que fizemos ao final deste fotolivro.





RESUMINDO
Oficina “Animais Fantásticos” (2015)

- Tipo de texto: expositivo.
- Gênero textual: carta.
- Materiais utilizados: folhas pautadas, lápis, borrachas, imagens impressas dos seres mitológicos, livro com as figuras dos animais fantásticos, figuras em tamanho dos animais fantásticos, envelopes para as cartas, fichas de características dos animais e texto sobre Pégaso.



OFICINEIRAS

-
- Adriele Padilha
 - Aline Batista
 - Aline de Oliveira
 - Aline Sicca
 - Arita Duarte
 - Carmen Ferreira
 - Carolina Costa
 - Cíntia Mota
 - Ellem Borba
 - Gabriela Schander
 - Glediane Göetzke
 - Helena Mascarenhas
 - Igor Pereira
 - Isabel Coimbra
 - Jaíne Quevedo
 - Jaqueline Rodrigues
 - Jéssica Pereira
 - Jéssica Rosa
 - Josiane Jäger
 - Juliana Jardim
 - Karen Santos
 - Letícia dos Reis
 - Liliana Madril
 - Lissa Pachalski
 - Luiza Mello
 - Luiza Souto
 - Natália de Oliveira
 - Natália Nola
 - Natália Reinke Zaches
 - Nitiane Bittencourt
 - Paloma Mendes
 - Patrícia Gielow
 - Raíssa Amaral
 - Rosiani Machado
 - Sabrina Fialho
 - Sílvia Gonçalves
 - Tatiane Cavalheiro
 - Valéria Islabão
 - Valéria Pereira

Equipe de 2013



Equipe de 2014



Equipe de 2014



Equipe de 2015



SOBRE AS AUTORAS

Marta Nörnberg: Graduada em Pedagogia (Fafmc). Mestre e doutora em Educação (UFRGS). Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Coordenadora do projeto de pesquisa Obeduc-Pacto/Capes (2013-2017). E-mail: martanornbergo@gmail.com

Lissa Pachalski: Graduada em Pedagogia (UFPel). Participou como bolsista de iniciação científica da Capes e do CNPq realizando atividades de estudo e pesquisa no Projeto Obeduc-Pacto/Capes (2014-2017). E-mail: pachalskil@gmail.com

Luiza Kerstner Souto: Graduada em Pedagogia (UFPel). Mestranda em Educação (UFPel). Participou como bolsista de iniciação científica da Capes e da Fapergs realizando atividades de estudo e pesquisa no Projeto Obeduc-Pacto/Capes (2014-2017). E-mail: luizaksouto@gmail.com

Josiane Jarline Jäger: Graduada em Pedagogia (UFPel). Mestranda em Educação (UFPel). Participou como bolsista de graduação da Capes realizando atividades de estudo e pesquisa no Projeto Obeduc-Pacto/Capes (2014-2017). E-mail: josianejager@gmail.com

Ana Ruth Moresco Miranda: Graduada em Letras (UFPel). Mestre e doutora em Letras (PUCRS). Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atuou como pesquisadora colaboradora do projeto de pesquisa Obeduc-Pacto/Capes (2013-2017). E-mail: anaruthmmiranda@gmail.com

REFERÊNCIAS E SUGESTÕES DE LEITURA

ABAURRE, M. B. M. A relação entre escrita espontânea e representações linguísticas subjacentes. **Verba Volant**, v. 2, no 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011. Disponível em: <http://letras.ufpel.edu.br/verbavolant/segundo/abaurre2.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Caderno Pró-letramento**. Alfabetização e linguagem. Brasília: MEC, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral – DICEI. Coordenação Geral do Ensino Fundamental – COEF. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo básico de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**. Cadernos de formação (Ano 1, Ano 2 e Ano 3 - Unidades 1 a 8). Brasília, DF: MEC, SEB, 2012.

BARTH, B. **A aprendizagem da abstracção**: métodos para um maior sucesso escolar. Lisboa: Instituto Piaget, Horizontes Pedagógicos, 1987.

CHOMSKY, C. **Reading, writing, and phonology**. Harvard Educational Review, 40, p. 287–309, 1970.

_____. Write first, read later. **Childhood Education**, 47, p. 296-299, 1971.

_____. Write now, read later. In: CAZDEN, C. (org.). Language in early childhood education. Washington, DC: National Association for the Education of Young Children, 1972.

CLAVER, R. **Escrever e brincar**. Oficinas de textos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

COSCARELLI, C. V. Verbete: Antecipação na leitura (predição). In: **Glossário CEALE: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Faculdade de Educação da UFMG. 2015. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramentoliterario>>.

DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A.; MACHADO, A. R. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FERREIRA, C. R. G. **Uma palavra é o nome de cada coisa: um estudo sobre as percepções de crianças do ciclo de alfabetização acerca da palavra oral e gráfica**. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/obeducpacto/files/2015/08/Carmen-Ferreira.pdf>.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

JOLLIBERT, J. **Formando crianças produtoras de textos**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

LEAL, T. F.; MORAIS, A. G. de. **A argumentação em textos escritos: a criança e a escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEIRIEU, P. **O cotidiano da escola e da sala de aula**. O fazer e o compreender. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre o erro ortográfico. In: HEINING, O. L.; FRONZA, C. de A. (orgs.). **Diálogos entre linguística e educação**. Blumenau: EDIFURB, 2010. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geale/files/2010/11/Um-estudo-sobre-oerro-ortografico.pdf>.

MORAIS, A. G. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

PICOLLI, L; CAMINI, P. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

READ, C. E.; TREIMAN, R. Children's invented spelling: What we have learned in forty years. In: PIATTELLI-PALMARINI, M.; BERWICK, R. C. (eds.). **Rich languages from poor inputs**. New York, NY: Oxford University Press, 2013.

RODARI, G. **Gramática da fantasia**. 9. ed. São Paulo: Editora Summus, 1982.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**. Uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2012.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, jan./abr., 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>.

_____. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

Site dos textos e imagens

Seres mitológicos: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/as-10-criaturas-mais-incriveis-da-mitologiagrega/>.

Texto sobre Pégaso: http://mitosdagreciaantiga.blogspot.com.br/2012/07/historia-de-pegaso_13.html.

Livro Animais Fantásticos: Desenhos de Isabel Ramil, 2002. Acervo do GEALE.

Ficha dos animais: Compilação feita por Igor Daniel Martins Pereira a partir de diversas fontes.

Neste volume são apresentadas algumas das oficinas utilizadas para coletar os textos que compõem o BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita). Os textos são a base principal para os estudos desenvolvidos no âmbito do GEALE (Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita), cujo foco incide especialmente em aspectos estruturais da língua – fonológicos, morfológicos e sintáticos. Embora as oficinas tenham sido elaboradas visando à produção de dados de escrita para atividades de pesquisa, elas também podem ser analisadas a partir da perspectiva do ensino, pois possuem um desenho didático explícito, em que as diferentes etapas são planejadas com o objetivo de criar um ambiente propício para a escrita espontânea.

